
LITERATURA EM FOUCAULT: LUGARES DA ANÁLISE DO DISCURSO

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES*

RESUMO

No estudo que ora apresentamos, procederemos a um percurso pelas reflexões de Michel Foucault em torno de linguagem e espaço na literatura e articularemos esses conceitos com a noção de *sentido* colocada pela Análise do Discurso preconizada por Michel Pêcheux.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, literatura, Foucault, sentido, memória.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entre as imagens cerradas nos seus limites e a forma em movimento do poema aconteceu passar a flecha do discurso.

Alfredo Bosi

As reflexões que ora apresentamos integram um estudo mais amplo, apenas iniciado, cujo objetivo principal é o de refletir sobre as especificidades da Análise do Discurso para o texto literário. Considerando as peculiaridades da produção literária, os aspectos lingüísticos, estilísticos, formais enfim, implicam efeitos de sentido peculiares a essa produção e, ainda, a literatura dialoga com uma exterioridade perpassada pela história, que constitui memória discursiva em diferentes produções e implica efeitos de sentido decorrentes da inscrição dos sujeitos e dos discursos em diferentes lugares sócio-histórico-ideológicos.

* Professor da Universidade Federal de Uberlândia.
E-mail: cleudemar@uol.com.br

O texto literário sob o olhar da Análise do Discurso pode ser pensado sob vários caminhos. Porém, dada a amplitude dessa temática, nos limitaremos a um percurso pelos conceitos de Michel Foucault acerca do literário, visando sua articulação com a noção de sentidos, ou melhor, efeitos de sentido, passando também pela noção de memória discursiva.¹

Feitos esses apontamentos, entre essas possibilidades assinaladas e tantas outras, diante da amplitude e complexidade da obra de Foucault e ainda de sua articulação na Análise do Discurso (GREGOLIN, 2004), faremos mais um recorte. Especificamente, focalizaremos as reflexões de Michel Foucault em torno de linguagem e espaço na literatura e articularemos esses conceitos com a noção de *efeitos de sentido*. Nosso olhar para essas questões emerge de nossa inscrição na Análise do Discurso conforme preconizada por Michel Pêcheux, lugar teórico instituído como nosso espaço de enunciação. A propósito dessa circunscrição, para iniciar nossas reflexões, relembremos com Pêcheux (1997, p. 190) a noção de sentidos:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Este conceito será retomado e problematizado em nossas considerações finais, mas conforme discutido na Análise do Discurso, a essa formulação, acrescenta-se: “os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do desdobramento e da polêmica” (GREGOLIN, 2000, p. 61).

O caráter de incompletude dos sentidos e sua compreensão como efeitos de sentido, cuja produção se inscreve na história, são aspectos importantes para refletirmos sobre as noções de linguagem e espaço apresentadas por Foucault em suas reflexões em torno da literatura.

Na análise que Foucault (2001a, p. 234) faz da *Odisséia*, de Homero, o canto da Sereia é apresentado como “forma inapreensível e proibida da voz sedutora”. Como nada mais “senão o puro apelo, o vazio feliz da escuta, da atenção, do convite à pausa”. Se o que afirmamos é uma interrogação acerca do próprio ser da Sereia, aos ouvidos de quem ouve seu canto, a Sereia, plena sedução, é uma promessa de estado de êxtase. Ainda com Foucault (2001a, p. 234), “seu fascínio não nasce do canto atual, mas do que ele se propõe a ser”. Então, interrogamos: afinal, o que ele se propõe a ser? A indefinição dessa pergunta seria, talvez, o seu próprio ser.

Diante dessa figura evocada, o canto da Sereia, e antes da evocação dessa imagem, a literatura, um indefinido e também inapreensível objeto, é pensada por Foucault (2001b) a partir da retomada da repetida indagação: “o que é literatura?” Vários estudiosos voltados para esse objeto têm empreendido, ou empreenderam, calorosos embates e pontuaram muitas divergências em torno da tentativa de conceituar literatura enquanto arte e de arrolar as características definidoras de um texto literário. Todorov (1980), por exemplo, ao discutir a dificuldade de conceituar esse objeto, em suas problematizações, aponta a noção de gênero do discurso como possibilidade de seu estudo e afirma que há vários discursos no lugar de uma literatura única. Foucault (2001b, p. 139) inicia hipotetizando a literatura como o mesmo que o ato de escrever, mas imediatamente apresenta uma dificuldade paradoxal: “a questão é [...] de certo modo, um oco aberto na literatura; um oco onde ela deveria se situar e, provavelmente, recolher todo o seu ser”. Lemos esse *oco* como sentidos imprecisos, que se produzem como efeito do que possibilita o ser da literatura. *Inapreensão* e indefinição: sentidos que se colocam. Embalados pelo canto da Sereia, na busca de alcançá-lo, os sentidos ressurgem como efeito do que provoca a busca, como um intervalo entre o ponto de partida e o inexistente ponto de chegada. Foucault (2000a, p. 70) atribui a Blanchot a possibilidade de qualquer discurso sobre literatura

por ter sido ele quem primeiramente mostrou a conexão entre diferentes obras, uma interligação entre todas as obras; assim, “a literatura é o que constitui o fora de qualquer obra, o que sulca toda linguagem escrita e deixa em qualquer texto a marca vazia de uma ranhura”. A literatura é afirmada como um espaço vazio onde as obras literárias se alojam, e esse espaço vazio que as acolhe constitui a literatura.

Diante disso, indagamos com Foucault: o que é o ser da literatura? Também com Foucault respondemos: o que é construído como tal, não no ato de escritura de seu autor, mas por uma exterioridade a esse ato e a essa produção, que vislumbramos apenas como efeito de sentido marcado por opacidade. Para esse pensador, a literatura é uma construção recente, seu nascimento é datado do século XIX; resulta de um dado saber, ou de uma produção de conhecimento. Somente a partir de então, pôde-se olhar para o passado e atribuir a obras clássicas a denominação literatura. Machado (2000, p. 110), a partir de reflexões encontradas na obra de Michel Foucault, reafirma “a literatura como um fenômeno eminentemente moderno” no sentido de a “linguagem literária manifestar fundamentalmente o poder de falar sobre a linguagem”. Todorov (1980, p. 21) reitera que nas línguas européias, no sentido atual, a palavra “literatura” é datada do século XIX, e seu estudo deveria se dar pelo viés do discurso: “o discurso não é um, mas múltiplo tanto nas suas funções quanto nas suas formas”. Entretanto, a indagação suscitada continua suspensa no ar. Diante dessa interrogação, encontramos em Foucault (2001b) três distinções iniciais: a linguagem, a obra e a literatura. Mas é a relação entre esses três elementos, os indefiníveis efeitos de sentido decorrentes dessa relação que será tematizada. “A literatura não é o fato de uma linguagem transformar-se em obra, nem o fato de uma obra ser fabricada com linguagem; a literatura é um terceiro ponto [...] exterior [...] que desenha um espaço vazio, uma brancura essencial onde nasce a questão “O que é literatura?” (FOUCAULT, 2001b, p. 142).

Como espaço exterior, espaço compreendido como um não-lugar, esse terceiro ponto, oco, consiste em efeitos de sentido, sentidos nebulosos

que apontam para o ser da literatura. Semelhante ao canto da Sereia, a literatura é o seu próprio ser. Esse ser, dada sua indefinição, é efeito do que não é, efeito de um trabalho de linguagem que não se define. Então, a idéia de que a literatura é linguagem é abandonada. Abre-se, portanto, uma distância, um espaço (vazio?) no interior da linguagem. Mas a literatura é apresentada como irrupção da linguagem na “página em branco”, como palavras que conduzem “a uma perpétua ausência”. Novamente o canto da Sereia como um convite a um estado de êxtase jamais alcançado, mas como não sabido inalcançado, sempre sedução, sempre envolvimento, se faz presente como uma exterioridade a si mesmo, como provocação de efeitos de sentido também indefinidos.

Nas análises que Foucault faz de literatos, algumas caracterizações acerca do literário são pontuadas. A transgressão – que evoca a interdição da própria literatura e de literatos (a exemplo de Sade) e a ruptura com a realidade, e evoca também a linguagem que rompe o próprio espaço da linguagem – e a repetição “contínua da biblioteca”, espaço dos livros cuja existência se repete “infinitamente no céu de todos os livros possíveis” (FOUCAULT, 2001b, p. 144), e possibilitam outras tematizações. (Temos, dessa feita, a implicação do conceito de memória discursiva, pela reaparição, circulação e ressignificação de discursos que tiveram, e têm, diferentes lugares na história). A morte é colocada ao lado da transgressão com a qual forma duas grandes categorias da literatura contemporânea. Para a morte, Foucault evoca a figura de Orfeu (morto pelas bacantes), e, para a transgressão, Édipo (pela relação com sua mãe) é referido. O espaço próprio da linguagem é distribuído por essas grandes categorias: a transgressão e a morte, o interdito e a biblioteca. A linguagem procura construir uma imagem de si visando à superação da morte; assim, porta-se como se fosse um espelho diante de outro espelho: uma reduplicação infinita que se perde ao alcance dos olhos nus. Segundo Foucault (2001b, p. 52) “querer fazer algo como uma obra, falar para que os outros falem dela ao infinito, falar para a ‘glória’ era avançar em direção e contra essa morte que afirma a linguagem”. A

linguagem, eternamente viva pela reduplicação ao infinito, pelos efeitos de sentido que não cessam de reduplicarem-se, tem lugar na biblioteca, e a partir desse lugar, a possibilidade de se desdobrar e repetir como imagem frente ao espelho, como uma infinita materialização de sentidos provocadores de sentidos que, dada a historicidade, não se repetem.

A escrita faz da obra a literatura, talvez por possibilitar-lhe uma unidade entre conteúdo e projeto estético, mas há sempre uma distância entre a linguagem e a literatura. Encarregada de mostrar o que é literatura, a linguagem aponta para seu duplo. O infinito da linguagem também se multiplica infinitamente. E Foucault (2001b, p. 147) afirma: “não há ser da literatura, há simplesmente um simulacro que é todo o ser da literatura”. As figuras então apresentadas como caracterizações da literatura – interdição, transgressão, repetição, morte, simulacro – apontam para a linguagem e seu duplo, a linguagem estendida ao infinito em reduplicação. Literatura é uma linguagem “transgredida, mortal, repetitiva, reduplicada”. Nesse ínterim, a própria crítica literária seria uma linguagem segunda que se acrescentaria a essa múltipla linguagem primeira que é a literatura.

A literatura é linguagem ao infinito, um espaço exterior, efeitos de sentido inapreensíveis. Se literatura é linguagem ao infinito, como sugere Foucault, infinitamente multiplicada em seu duplo e em sua reduplicação, encontra-se distante do real, mas presente em tantas realidades. Forma e enunciação, vozes dos sujeitos em seus passos. Imbricamento do homem e sua complexidade, compreendida como realidade e desejo, como sono tranquilo e sonho, e até mesmo como pesadelo que o assusta e o ameaça. Sentidos compreendidos como efeitos de sentido do que não se define, mas que decorrem de espaços de enunciação múltiplos. Foucault (2000c) afirma que Barthes, a partir da noção de escritura, tentou fazer “uma nova possibilidade de história da literatura”, na qual consideraria sua especificidade, uma vez que ela ultrapassa os sujeitos e também os situam nela, e, ainda, a literatura é um elemento peculiar entre todas as produções culturais e tem suas “próprias leis de condicionamento e transformação”.

Referindo-se a Blanchot, Foucault (2001c) afirma a escritura como forma de viver – “escrever para não morrer”. A imortalização pela escrita

manteria sua existência e sua continuidade na face da terra. Talvez, seja essa a forma da existência de Deus e sua permanência, tendo feito o homem a sua imagem e semelhança. Se no início era apenas verbo e o verbo se transformou em vida; se com um sopro Deus fez o homem, na idade contemporânea, na atualidade, como mostra Machado (2001), o homem promove a morte de Deus em função do próprio nascimento. Isto se deve a certo exercício do saber, de um conhecimento, nesse sentido, sempre contestado pelos descendentes de Adão e Eva. De qualquer forma, na literatura, a linguagem busca romper o limite da morte, e pela palavra, constroem-se rastros de identidades perdidas. A linguagem revela também palavras que matam, ou fazem morrer, para se viver. O “limite da morte abre diante da linguagem, ou melhor: nela, um espaço infinito” (FOUCAULT, 2001c, p. 48). Trata-se da possibilidade de a linguagem, no limite da morte, refletir-se. Para Foucault, como uma imagem jogada ao espelho, a linguagem faz nascer sua própria imagem, infinitamente reproduzida em um jogo de espelhos sem limite. Efeitos de vida e de morte, renascer e fazer morrer, podem ser tomados como efeitos de sentido decorrentes da opacidade em que os sujeitos, na busca e/ou espera de alcançar em si o ser da literatura, se inscrevem, ou do *oco* que lhes preenche.

A escrita, compreendida como obra de linguagem, avançaria sempre suscitando a reduplicação do espelho. Como afirma Foucault (2001c, p. 51), “a estrutura de espelho é dada aqui explicitamente: em seu próprio centro, a obra apresenta uma psique [...] na qual ela reaparece como em miniatura e precedendo a si mesma”. Essa imagem infinitamente reduplicada corrobora a tese de que a linguagem, em seu poder, manteria a morte afastada e de que esse espaço infinito reside fora da obra; ela o coloca e o encontra fora de si. O espaço da linguagem, conforme desenhado, define-se, atualmente, pela biblioteca, lugar onde os livros, ao serem retomados, promovem uma efervescência de sentidos em um jogo de memória marcado por entrecruzamento de diferentes discursos.

A linguagem ao infinito implica pensar o espaço, o exterior, nele a História (sempre plural). Se a atualidade é a época do simultâneo, da

justaposição, como atesta Foucault (2001d), precisamos refletir sobre os espaços, que se transformam e implicam diferentes efeitos de sentido.

A literatura como espaço exterior, exterior a si, exterior de si, é uma multiplicidade de lugares e de subjetividade (tomada como prática de subjetivação) e também de indefiníveis efeitos de sentido. Não nos referimos às obras literárias, não estamos falando sobre um objeto literário. Pensamos a literatura em sua exterioridade, fora de si, como linguagens que apontam para a dispersão e, ao mesmo tempo, para diferentes unidades, linguagens que sacralizam épocas ou escolas, dessacralizadas pela sacralização de épocas posteriores no mesmo movimento que as sacralizou. Quando dessacralizada, contestada, na contestação encontra-se a abertura para o então outro movimento, mas, ainda assim, permanece como referência, como um já dito, presente em todo jamais dito, em todo devir.

Talvez, estejamos falando da crítica, de teorias literárias, mas não são justamente elas que impõem e exigem a presença de dadas obras como condição do devir literário? “Certos conflitos ideológicos que animam as polêmicas de hoje em dia se desencadeiam entre os piedosos descendentes do tempo e os habitantes encarniçados do espaço” (FOUCAULT, 2001d, p. 411).

O que se denomina tempo, espaço, e história na linguagem literária parece ser uma constante reconfiguração do cânone que está por vir, e, ao mesmo tempo, uma denegação do marginal que também, enquanto escola, está por vir. Todo poeta morto permanece vivo, porque escreveu, e muitos que morreram ainda não poetas, mas que também escreveram, são escavados e (re)nascidos como poetas que permanecerão vivos. Nos jazigos, estantes de bibliotecas, todos os literatos estão a falar, a cantar. O cânone e o marginal coexistem e convivem e renascem em inúmeros outros jazigos construídos especialmente para eles, como espaços em diferentes bibliotecas. A linguagem estendida ao infinito é sempre retirada do jazigo, é duplicada e reduplicada, e a ele retorna para suas reduplicações ao infinito, em um indefinido jogo de entrecruzamento de discursos e de efeitos de sentido.

A noção de espaço não se refere a lugares onde acontece a vida real dos homens, pois até mesmo o homem, enquanto representação de vida real, está sempre buscando construí-la, encontrá-la. O espaço é exterioridade a tudo isso; exterioridade às representações (nunca coincidentes) que os homens fazem, ou pensam fazer, de suas realidades. O espaço implica efeitos de sentido e, ao mesmo tempo, é construído por esses efeitos. Como uma interioridade ao exterior, a literatura pode ser o canto da Sereia: êxtase sempre buscado e jamais encontrado, cujos efeitos revelam a incompletude dos sujeitos na busca da completude.

Na teoria literária, por vezes, a construção de conjuntos e de linearidade, pela classificação de obras, promove o apagamento de relações de vizinhança (são tentativas de homogeneizar os discursos). Contrapõe-se a essa construção a ebulição constante de linguagens e estilos apontados como pertencentes a produções de épocas muito anteriores, integrantes de um primeiro conjunto, que rompem a poeira de seus jazigos e tornam-se uma presença em um dito como novo, jamais pensado existir. Trata-se de um efeito de memória, de uma história marcada por dispersão e descontinuidade, de discursos retomados em outros lugares e, pelos efeitos de sentido, em face das condições de produção, transformados. Interessamo-nos com Foucault (2001d, p. 412-413) uma não-linearidade dos espaços:

ter constituído um espaço infinito, e infinitamente aberto [...] um espaço que talvez seja também povoado de fantasma; o espaço de nossa percepção primeira, o de nossos devaneios, o de nossas paixões possuem neles mesmos qualidades que são como intrínsecas; é um espaço leve, etéreo, transparente, ou então é um espaço obscuro, pedregoso, embaraçado.

Acerca da noção de espaço e de tempo na obra de Michel Foucault, Martins (2002) observa que há, nessa obra, um posicionamento singular. Em *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 1981), encontramos referências ao espaço como “utopias e heterotopias”, mas recorreremos especificamente ao artigo intitulado “Outros espaços” (FOUCAULT, 2001d)

para a compreensão dessas noções em face de sua relação ou presença no literário.

O espaço é pensado como o que nos é oferecido sob a forma de relações de posicionamentos e, apesar de Galileu ter promovido uma dessacralização do espaço, ao abri-lo para o infinito, Foucault atesta a sacralização dos diferentes espaços que comandam nossa vida. Refere-se a espaços que se opõem: “o público e o privado; o social e o da família; o cultural e o útil; o do lazer e o do trabalho” etc. A partir de análises literárias, Foucault atesta que não vivemos em espaços homogêneos. Isto posto, elege os espaços de fora como objetos para reflexão. Assim afirma: “o espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo” (2001d, p. 414).

No texto supracitado, Foucault apresenta dois grandes grupos de espaço que, pelos seus posicionamentos, estão ligados a todos os outros. As “utopias”: posicionamentos sem lugar real, espaços essencialmente irrealis, que possibilitam as fábulas; as “heterotopias”, que se referem a lugares reais, delineados pela instituição sociedade, nos quais os posicionamentos reais estão representados e invertidos. Esses lugares são utopias realizadas, lugares de representações culturais. O lugar existe realmente e nele há a representação de posicionamentos culturais. “São lugares que estão fora de todos os lugares”. Acerca das heterotopias, Foucault afirma: a) toda cultura no mundo constitui heterotopia; b) os funcionamentos das heterotopias são diferentes para cada uma e sofrem mudanças na história; c) em um mesmo lugar, há vários espaços e/ou posicionamentos (o jardim, por exemplo); d) as heterotopias se ligam a recortes do tempo, daí a noção de “heterocronia”, considerando que os homens rompem com o tempo tradicional. Segundo Martins (2002, p. 97), “museus e bibliotecas são heterotopias nas quais o tempo não cessa de acumular e de se empilhar até o cume de si mesmo”.

Há, entre esses dois grandes espaços, um lugar que os mistura. Seria o espelho: “afinal, o espelho é uma utopia, pois é um lugar sem

lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou”. Mas essa utopia do espelho é também uma heterotopia na medida em que o espelho existe de verdade, ele é real. “É a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou, porque eu me vejo lá longe” (FOUCAULT, 2001d, p. 415).

Na literatura, esses lugares não lugar, esses espaços exteriores, podem ser pensados sempre em ruptura e continuidade. Na biblioteca, pensando a heterotopia, e também a heterocronia, os livros falam, integram práticas discursivas, e voltam às estantes para delas, enquanto linguagens que provocam efeitos de sentido indefinidos, continuarem saindo e se (re)duplicando infinitamente, sem, contudo, constituírem linearidade espacial e temporal. Trata-se de efeitos de sentido decorrentes de lugares e linguagem multiforme, de tempos diferentes que se aproximam, se atravessam e se distanciam, de olhares para o que não se vê. São efeitos de sentido localizados na opacidade de uma exterioridade movente, sempre buscada e jamais alcançada.

PALAVRAS FINAIS

Feito esse percurso de leitura por conceitos foucaultianos, a noção de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentido por nós visualizada transcende aquele conceito de Michel Pêcheux, apresentado como sentidos produzidos por enunciados, ou palavras, entre interlocutores, em decorrência de suas inscrições ideológicas. Contudo, não o nega. Em Foucault, a literatura implica efeitos de sentido decorrentes de uma exterioridade plural, existentes apenas como efeitos de uma busca, e de uma história também plural, descontínua e dispersa, que tem lugares nos livros e fora deles. São efeitos de uma exterioridade que integram a subjetividade. A título de ilustração, houvesse lugar neste momento, poderíamos recorrer às construções dos cânones e também da literatura marginal. Tais construções são posteriores à produção em si, são

decorrentes de uma exterioridade, resultam de efeitos de uma exterioridade à literatura. Acerca do “exterior”, Revel (2005) observa que o espaço, o pensamento, a linguagem e seu duplo, e tudo o que pode ser compreendido como o exterior aparece em reflexões futuras, em momentos em que Foucault não se volta para o literário, como integrante de uma interioridade, o exterior no interior. Assim, retoma-se a problemática da subjetividade, de natureza sociocoletiva, considerada como prática de subjetivação, como efeitos de sentido de uma exterioridade atuantes na constituição dos sujeitos. Além dessa exterioridade historicamente construída e que constrói subjetividade, as reflexões de Foucault acerca da indefinição do ser da literatura, para o qual, ao evocar o canto da Sereia, imputa a espera, a busca, possibilita-nos trazer para a noção de efeito de sentido o caráter de incompletude do sujeito. Esse caráter de incompletude, já apontado por Authier-Revuz (2004) como de natureza psicanalítica, coloca em pauta a noção de desejo, que implica a espera e a busca do que não será alcançado, elementos integrantes, nesse ínterim, da noção de efeitos de sentido. Isto, porque o ser da literatura, aos olhos de quem lê, também seria promessa de estado de êxtase, e o sendo constitui sedução, revela incompletude do sujeito na busca da completude.

O ser da literatura em sua indefinição – espaço exterior e linguagem ao infinito – provoca efeitos de sentido nos sujeitos constituindo-lhes a espera. Espera do que nunca será alcançado, se até mesmo a espera – pleno desejo – é também duplicada e reduplicada; é exterioridade de uma linguagem em linha tortuosa estendida ao infinito. Por ora, ouçamos, com Foucault, o canto da Sereia.

LITTÉRATURE EN FOUCAULT: LIEUX DE L'ANALYSE DU DISCOURS

RÉSUMÉ

Cette étude poursuivra un parcours à travers les réflexions de Michel Foucault autour du langage et de l'espace dans la littérature. Ces concepts seront discutés

en rapport avec la notion de sens préconisée par Michel Foucault sous l'égide de l'Analyse du Discours.

MOTS-CLÉ: Discours, littérature, Foucault, sens, mémoire.

NOTAS

1. Para as reflexões aqui propostas, retomaremos parcialmente um estudo desenvolvido por nós sob o título Literatura em Foucault: infinita exterioridade. Nesse estudo, apresentamos as reflexões de Michel Foucault sobre literatura, mas não fizemos a articulação com a noção de sentido e memória discursiva colocados pela Análise do Discurso. O texto que agora apresentamos se justifica por essa articulação mais pontual com conceitos da AD.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. (Coleção Sala de Aula).

_____. Literatura em Foucault: infinita exterioridade. *I Encontro Mineiro de Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (Mimeografado).

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

_____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagem, 1992.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Sobre as maneiras de escrever a História. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a. p. 62-77. (Ditos & Escritos, v. II).

_____. Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo de epistemologia. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault: arqueologia das ciências e*

história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b. p. 82-118. (Ditos & Escritos. v. II).

_____. Retornar à história. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault* arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000c. p. 282-295. (Ditos & Escritos. v. II).

_____. O pensamento do exterior. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault* estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a. p. 219-242. (Ditos & Escritos. v. III).

_____. Linguagem e literatura. In: MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001b. p. 139-174.

_____. A linguagem ao infinito. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault* estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001c. p. 45-59. (Ditos & Escritos. v. III).

_____. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). *Michel Foucault* estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001d. p. 411-422. (Ditos & Escritos. v. III).

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: _____. *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2000. p. 60-78.

MARTINS, Carlos José. Utopias e heterotopias na obra de Michel Foucault: pensar diferentemente o tempo, o espaço e a história. In: RAGO, Margareth et al. (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. p. 85-98.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

TODOROV, Tzvetan. A noção de literatura. In: _____. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 11-23.